Anno I — OVAR, quinta-feira 22 de Abril de 1909 — Numero 52

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, (villa) semestre . . . . . 500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . 600 »
Brazil, semestre . . . . . 700 »
Avulso . . . . . 20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
Rua de Passos Manoel, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

PEDAGOJIA

No Congresso pedagojico, pelo menos, um facto claramente resaltou, o interesse verdadeiro e carinhozo de milhares de homens pela instrução. Não o vamos buscar ás tezes lá debatidas, não o vamos achar entre os congressistas e n'elas, neles, não houve somente interesse houve animadora dedicação. Vamos buscal-o, porem, ao grande publico como em *argot* de noticiarista costuma dizer-se de toda a jente. Lá o vemos, entre todos aqueles, e muitos foram, isso nos valha, que seguiram com atenção os trabalhos e os esforços e as aspirações do Congresso. Ora isto como sintoma de renovamento vital é realmente, consolador;—não faz desesperar ainda. Nós somos, lugubre verdade, 75 % de creaturas cegas e surdas de entendimento; temos pois, em cinco milhões d'almas, uma população pouco inferior a quatro milhões de analfabetos.

Para os ensinarmos a lêr, não a todos que para muitos, já agora, é tarde, precizamos de um serio esforço de vontade, de persistencia e de despeza:—trabalho arduo mas indubitavelmente possivel. Atacando-se com intelijencia, seriedade e abundancia monetaria o problema, em dez anos, sem exajeros ou fantasias, poderiamos quase limpar-nos da vergonha do analfabetismo. Mas pedagojia não é só isso; ensinar a lêr e contar não basta, como não é suficiente crear diplomados e ter á mão dois mil sabios. O esforço de exterminar o analfabetismo portuguez não é senão um meio, um ajente, o principio se assim quizerem; um outro esforço se impõe, canceira ainda mais séria, trabalho ainda mais grave—o educar toda essa jente, o educar todos os providos da ferramenta da instrução simples: uma cruzada que exijirá muito tino, muita equilibrada intelijencia, muita inquebrantavel boa vontade, e, mais que tudo, uma dedicação pelo Bem e pela Humanidade pouco comum a forças mundanas. Impossivel?... Não; de todo em todo,—tudo os homens conseguem, ponto é quererem, e melhor ponto é saberem querer.

A instrução é o *melhor valor* do individuo, mas não, positivamente, nas condições d'até agora. Instruir só para saber lêr, na verdade é pouco, é insuficiente, não é só isso o que faz fechar os prostibulos, desertar as tabernas, arruinar os tribunaes, despovoar as cadeias, e por ahi adeante o que se rediz sem criterio. A instrução deve acompanhal-a, completal-a e tornal-a precioza uma bela e salubre educação, não só do espirito—tambem do corpo. Com isso cuidadoza e amorozamente afeiçoado, é tudo: sem isso, queiram perdoar-nos, de pouco presta. Todos os mestres felismente, leem já por essa cartilha; que nós saibamos nenhum, ainda, o conseguiu na sua escola. Na maioria por incapacidade produtiva, na minoria porque nada se presta, nem em material nem em coisa alguma ao seu jenerozo anceio. De resto o bom educador *doublé* de perspicacia e docilidade docente, creado naturalmente é a ave mitica dos ovos d'oiro, e obtida por uma preparação especial é cousa que cá não existe, e mesmo lá fora mal se conhece. Temos, pois, que o problema da instrução e educação, racionaes e quase excelentes em restritissimos cazos á vista, quase ninguem o aguenta—por derreamento forçado; vae-se até onde se pode, e louvar a Deus quando tal se encontra. Nós precizamos de instruir, de educar o povo portuguez na sua quase absoluta totalidade,—e é-nos indispensavel, para tanto, começarmos por conseguir o professorado preciso: em qualidade, em quantidade. Não o temos e não o improvizaremos, certamente, feito d'encomenda em qualquer ceramista, não de portentos, mas de honestos e sensatos espiritos orientados de uma maneira segura a fazer valer o que se lhes confia, que é, nem mais nem menos, —a vida futura; o melhoramento prezente. Para começar, um escol de numerozos mestres educados para o poderem sêr razoavelmente, e em seguida não poupar trabalho, não fujir a gastos, não esmorecer. Não é tarde, ainda, pois que, meticulozamente preparados, os que vierem a ter por escola uma escola á altura, esses, ganharão depressa o caminho que nós deixamos de percorrer, na nossa incapacidade terrivel. Para começar isso, primeira pedra da *Obra Nova*, exito e base do que se quer.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

O Makavenko

Afirma-se que a famoza convenção realizada com o Transwal foi autorizada pelo almirante das makavenkices,—o «dirijivel Amaral» na frase justa e contundente de «A Lucta». Ele foi quem deu ordem ao nosso encarregado para negociar e assinar o tratado, sem a clausula, necessaria, do «ad referendum» parlamentar. Está aquilo ainda por esclarecer, mas o que suspeita, e não sem motivos, é ter sofrido a nossa autonoma soberania em Lourenço Marques um rude e decizivo encontrão. Mas mesmo que para nós seja conveniente o tratado, não tem desculpa que o rezolvam sem a sanção legal do parlamento desqualificado, envilecido pela insolita pouca vergonha. E lá acaba, por agua abaixo, aquela preclara reputação do «unico monarquico com juizo» como o figurão a si se entitula.

Para ajuntar ás memorias do cinco d'abril, do artigo 5.º dos adeantamentos, e do neo-cabide rotativista, esta, do desalmado maritimo, é de primeira ordem—como sandice; e é de cabo de esquadra—como decizão.

Para sêr completo não lhe faltava mais nada, a este *bom* almirante.

Unhas aduncas

E' um cazo... de dinheiro—como sempre, neste abençoado rejime de homems de bem; e já aqui o tratámos, o que não quer dizer que se não rediga.

Quando da viajem do principe real á Africa consulava, no ministerio da marinha, um dos sin stros socios do ditador—o *caido* Aires d'Ornelas. Com a viajem, que foi a um montante tremendo (aquilo foi gastar l berrimamente) alem dos creditos legaes deu-se sumiço a quantia que hade exceder a duzentos contos. Verba de adeantamentos e sonegamentos, coisa sem importancia para quem o tira do suor do povo e da miseria dos cofres publicos. Mas veio a saber-se, e, ha pouco, o ex-ministro Antonio Cabral para se vingar do Ornellas accuzou-o, perentoriamente, de meter unhas aduncas no tezouro. Manteve a acuzação, precizou-a um tanto, e o que não fez—criminozamente isto—foi não aprezentar á nação o testemunho do facto com as cifras e os documentos de lei.

Ora, tudo isso, parece que vae agora meter figura nas pajinas do «Diario do Governo», e quando não vá tudo o que ha sobre o assunto alguma coisa, contudo, virá para edificação dos incredulos.

A pouco e pouco, vagarozamente é certo, sempre se vae apurando o que fez cicrano, e o que beltrano gastou. Nada adeanta para nol-o restituirem, isso não está nas leis nem consta dos costumes, mas, ao menos, salva-se a historia, que, assim, sempre se chega a fazer.

Ora este cazo das unhas aduncas pode dar de si um belo capitulo, com ilustrações aluzivas para melhor compreensão. Venha a arte em socorro nosso, para nos vingar de tal jente.

Na terra de Mafamede

A «liga mahometana», que é uma especialidade turca no jenero da nossa liga monarquica, entendeu que isto de povo livre não paga a perda de privilejios e de situações de favor e, d'ahi, jurou prostrar a Joven Turquia. Conseguiu-o, momentaneamente ou não é ao que o futuro responderá, e por um pronunciamento militar impôz á côrte novo governo... saído das intrigas palacianescas: deu ao sultão o que ele quereria.

Mais uns passos n'esse caminho e regressam os turcos á barbarie de que, tão arduamente, haviam saído pelo esforço de uma elite de militares; hoje mesmo, já o telegrafo fala de perseguições aos cristãos armenios, de massacres:—quase literalmente o sagrado imperio do real Caligula—o Sultão Vermelho. Os jovens turcos em fuga, acossados como bestas feras, veem agora—tarde de mais!—arruinado o seu sonho de fazer viver o Sultão e a Liberdade, amigavelmente no mesmo trono. Ha entidades que não se entendem—e d'ahi o desastre de quem as junta.

Actos

E' banal, em sociologos de trez ao vintem, a afirmativa gratuita de que as formas de governo nada importam ás reclamações sociaes do proletariado e que, na monarquia como na republica, as classes operarias desafogadamente podem avançar e vencer. E' certo que em algumas monarquias liberaes como a ingleza e a sueca «o quarto estado» obtem importantes concessões, mas isso no fundo, são exceções; ou na maioria dos cazos força maior a que não ha eximir-se. A regra, é haver na forma monarquica menos respeito e equanimidade pelas reclamações sociaes do que nos rejimens de democracia.

Agora a Camara Municipal de Lisboa acaba de votar para os operarios municipaes o dia normal de oito horas de trabalho, isto é, acaba de decidir um pleito de justiça a favor do proletariado, que nas camaras monarquicas nunca encontrou proteção. As coisas são o que são, e nada vale tanto como a eloquencia e importancia dos actos.

Preparando-se...

A Hespanha vae ter uma razoavel esquadra—de facto não no papel—e prepara a restauração dos arsenaes de Carthagena e Ferrol. Não é para fazer a guerra a quem quer que seja mas para se poder garantir a paz, fiada no proloquio de que—se desejas a paz... prepara-te para a guerra. Anda com sizo, embora seja uma dôr d'alma vêr gastar-se com tal infamia tanto dinheiro e tanto trabalho. Quanto a nós, não nos é preciza uma esquadra, nem mesmo soldados e artilheria A divina providencia de D. João VI vela por nós, e é quanto basta.

O truc

Cento e tal firmas comerciaes de Lisboa querem arrastar a respetiva associação comercial a pronunciar-se a favor do eterno argumento de defeza dos maos governos:—fazer administração, pôr de lado a politica.

E' um truc velhissimo, tão calvo que o mais desprevenido cidadão á legua já o conhece.

Pao para toda a obra serve, admiravelmente, todas as violencias, presupõe e recomenda todas as exações. O franquismo usou e abusou d'ele largamente—desacreditando-o, continuamente.

Os signatarios da reprezentação d'agora, tal qual como os signatarios d'outras, fazem estendal de razões patrioticas, chamam a terreiro o nosso credito, o nosso socego, o nosso progresso; como se, por dentro dos seus balcões, não se comerciasse n'outro jenero, outra especialidade se não vendesse.

A administração, a politica!...

Suas Ex.as o que se importam é de locupletar os seus cofres, a sua unica administração, o seu exclusivo patriotismo. Mas erraram no endereço da porta—e eis porque o *truc* falhou.

A crise

Está de oratorio o ministerio hontem nascido, o que equivale a dizer que, mais uma vêz, será posta á prova a habilidade de José Luciano. Morre, como os precedentes, sem aquecer o logar; e o que lhe suceda virá a têr, prezumivelmente, a mesma precaria vida. E' que a crise não é a doença que ainda alguns supoem d'este ou aquele homem, de tal grupo ou de tal ambiciozo. A crise é, irrezoluvelmente, a do rejime monarquico, chegado agora á situação historica da derrocada.

Não ha reconstituintes que o salvem, nem vontade de homens que vingue contra as determinações do destino. Nova ordem de coizas é inevitavel, urjente, e temos fé de ainda assistirmos aos berros dos indiferentes pedindo a republica, como quem apela, em recurso extremo, para o remedio heroico, embora custozo. Tudo se paga no mundo, até o egoismo de estar á espera que os sacrificados, á sua custa, fundem a estabilidade e o bem estar... o pão nosso de cada dia d'esses *superiores* indiferentes.

O «Diario do Governo» em Ovar

O «Diario do Governo» é, todos o sabem, o orgão official do mesmo.

Em Ovar, claro está, representa esse papel o nosso collega «Jornal d'Ovar» como orgão do partido que n'elle governo predomina e como orgão do partido do Rei dos Navegantes ou da Fundação Ministerial dos Navegantes como lhe queiram melhor chamar.

Ora o nosso collega «Jornal» constituiu o ministerio actual com o snr. D. Alarcão nas Justiças e o snr. du Bocage nas Estranjas, ao passo que o «Diario do Governo» trazia respectivamente o snr. Conde de Castro e Solla e vira, e o snr. D. Alarcão.

Ficamos intrigados tanto mais que o «Jornal d'Ovar» sahira oito dias depois do «Diario do Governo» que tal trazia.

Suppômos que tivesse sido equivoco do collega local; e ha até quem nos diga que o «Jornal d'Ovar» recebeu ao mesmo tempo a nota do ministerio actual e já a do que o ha-de substituir um mez ou dois depois. Publicou esta e d'ahi a nossa atrapalhação para saber—por mera curiosidade—quem eram os ministros *de mez*.

ARA

Flôr sem aromas

Das verdes trepadeiras, a moldura
Da janella, ao seu rosto, o encanto dava,
Das telas em que Rubens s'inspirava
Pelo brilho d'alguma formosura.

Gastava o tempo e os olhos na costura,
E só, de quando em quando, os levantava
Ao canario gentil que desfiava
As perolas d'um canto de ternura.

Passavam pela rua os namorados
Do vulto gracioso da janella
E sempre, cada vez mais desesperados.

Nem um aroma tinha a flôr singella!
Só se ao meigo canario e aos seus bordados
Dava os aromas d'alma, a virgem bella.

Alfredo Campos.

PALESTRAS...

A Terra

Segundo Moysés (Genesis, cap. 1) Deus creou o ceo, a terra, os mares, a vejetação, os animaes, o homem, em seis dias, a que por isso se chamam os dias da creação. No mesmo tempo creou o sol, a lua, as estrelas, a voz humana, o rujido das feras, o sibilar do vento e a cascata dos rios, apoz o que descançou. Este o sistema teleolojico da formação da Terra, aceite durante mais de 1500 anos como a verdade revelada, ensinado nas escolas e impôsto nas academias. Assemelhando-se a este, o mesmo na essencia, é o sistema astronomico (passe o nome) de Ptolomeu, que justamente com a historia biblica tem sido o scopo dogmatico e pretensamente divino (revelação) da autoridade eclesiastica.

Figurava (o sistema de Ptolomeu) uma sucessão de circulos crescentes: — no centro e como necso a Terra firme, imutavel, por baixo da qual existia o inferno; nos circulos externos, pela ordem directa das distancias, no primeiro circulo fora da Terra a Lua, no segundo Mercurio, no terceiro Venus, no quarto o Sol, no quinto Marte, no sexto Jupiter, no setimo Saturno, no oitavo o *Firmamentum*, no nono *Nonum Coelum*, no decimo *Primum Mobile;* e no undecimo e extremo circulo—o Coelum Empyreum (a bemaventurança cristã).

Cortavam-se pela base, neste engenhozo sistema, as dificuldades, quaesquer que fossem; assim as estrelas supunham-nas prezas ao *Firmamentum* por uma especie de pregos, segredo de carpintaria privativamente de Deus, e a Terra uns afirmavam que estaria suspensa sobre colunas, na sua baze, outros preferiam-a obliquamente especada sobre os infernos.

Para Moysés, Hesiodo, Ptolomeu, para a Egreja, a terra (com t minusculo como compete a um pequenissimo e ignoradissimo mundozito) era o Cosmos, o Todo Unico; sol, lua, estrelas, houvera-os creado Jheovah para a iluminarem, e tanto a lua como o sol circulavam obedientemente ao redor da terra—centro das coizas, cauzalidade do universo. Não se suspeitava a esfericidade do planeta, a sua rotação sobre o seu eixo, a sua translação em torno do sol, a inclinação da ecliptica a que devemos a alternancia das estações;—todos os conhecimentos sobre a terra—mais de metade ainda não conhecida pelos semitas e arianos—se reduziam ás noções erroneas que temos visto. Embora no Egito a escola astronomica de Alexandria e na Grecia o ensino pythagorico, assim como ulteriormente as investigações dos sabios arabes como Averróes, tivessem quaze chegado á deslumbrante verdade que depois d'eles Copernico e Kepler enunciaram, e a que Newton deu finalidade e sistematização matematica; embora a antiguidade, por alguns dos seus naturalistas e dos seus filosofos, tivesse quaze encontrado a solução cientifica das coizas, nas escolas, até ha pouco, o ensino monopolizava-o a fantazia das creações fabulistas oriunda dos deuzes antropomorficos.

Foi Copernico o primeiro que proclamou, numa obra postuma, o movimento terrestre de rotação: —o nosso globo dá um jiro completo sobre si mesmo em 24 horas, e esse movimento torna aparentemente jiratorios ao redor da terra os corpos celestes.

Kepler, um grande astronomo e o maior enciclopedico do seu tempo, seguidamente descobriu as trez grandes leis astronomicas essénciaes:—a do movimento ecliptico dos planetas ao redor do sol, a da proporção das areas da orbita ecliptica com o tempo gasto na translação, e, a terceira, da relação do quadrado dos tempos de revolução com o diametro do cubo dos grandes eixos. Estas trez leis verdadeiramente fundamentaes iniciaram, depois de divulgadas, um periodo novo na historia do nosso mundo.

Por elas mede-se a grandeza das elipses que descrevem os corpos ao redor do centro de gravidade, avalia-se a duração dos tempos de revolução, a diferença de excentricidade (inclinação) entre cada planeta, e a concordancia de duração da translação anual com a extensão dos grandes eixos dos mundos.

Foi depois de Kepler, e desbravado o caminho pelas suas leis, que Newton descobriu a gravitação, ou o pezo universal, e estabeleceu a sua celebre teoria (hoje nem por todos aceite de boamente, e até para alguns—em cheque) da força centrifuga e força centripeta pela influencia inicial das quaes explicava, o sabio inglez, a atração e equilibrio mutuo dos corpos.

Simultanea e converjentemente com taes progressos da ciencia astronomica empreendiam os portuguezes os seus maravilhozos descobrimentos:—Vasco da Gama aportava á India por uma estrada oceanica, Colombo tocava o solo das Antilhas, Pedro Alvares Cabral com a descoberta de Santa Cruz, completava o conhecimento da America; e sintetizando, venturozamente, todas essas expedições d'assombro, Magalhães dava a volta ao mundo:—fazia o circulo da Terra!

Estes acontecimentos, comprovando as descobertas dos sabios, transformavam, completamente, a noção e visão das cousas:—os mares abertos pela quilha dos galeões e pelos remos das fustas, as ilhas e os continentes maravilhozamente encontrados e conhecidos, o aspeto novo do céu austral, a vida vejetal e animal tão ricamente extranhas e inebriantes, foram, por toda a parte onde chegou a noticia, uma revolução nas intelijencias, nos metodos e nas convicções. O alto serviço de acelerar o movimento evolvente da civilisação ocidental deve-o a Europa aos portuguezes, que pelas suas navegações deram, com Gama e os seus ilustres predecessores, a prova jeografica da visibilidade dos antipodas e demonstraram com Magalhães, experimentalmente, a esfericidade da terra.

Assim concordes, os navegadores e os sabios empiricos em pouco mais de cem anos revolucionavam os conhecimentos humanos destruindo a conceção biblica do mundo, as fantasias de Hesiodo e o sistema de Ptolomeu, e revelando o fecundo e novo aspecto da Terra davam vôo ás liberdades mentaes que, a pouco e pouco, penetrariam os velhos segredos da natureza. Soberba epoca de eflorescencia conhecida pelo nome justo de «Renascença», grande tempo em que viveram artistas e jenios como Vinci, astronomos como Galileu, navegadores como Gama, filosofos como Giordanno Bruno; as almas irrompendo da acedia e do terrorismo medieval para os deslumbramentos da *bel arte* florentina, e para os rezultados da *grande escola* de Sagres: a descoberta dos mares, ilhas e continentes que completavam a individualidade do planeta de que somos filhos!

Hoje, pela admiravel apropriação dos conhecimentos cientificos de que os antepassados nos enriqueceram sabemos a forma do globo terraqueo—esferica, ou melhor similhante á figura de um tetraedro—conhecemos seus movimentos, os principaes dos quaes são: de rotação, translação, precessão dos equinoxios, nutação, obliquidade da ecliptica; sabemos o seu pezo, a sua dimensão, sua velocidade de andamento, vemos a terra, não ficsa e centro das cousas mas astro—e dos mais humildes—, cercada de infinito por todas as partes e seguindo o sol como pequena dependencia da sua existencia celeste. Sabemos que de inverno a terra está mais perto do sol que durante o estio, e temos a explicação da diferença entre os dias de janeiro e junho pela velocidade diversa de translação da terra ao redor do sol: no inverno o movimento do nosso planeta é mais rapido—dias mais pequenos, e a incidencia da luz solar é obliqua—dias mais frios; no verão o movimento é mais vagarozo, dias maiores; a incidencia luminoza é perpendicular; dias mais quentes. Sabemos que a parte liquida da terra —em mares, rios, lagos—equivale ás duas partes de diametro, e que a terra firme é unicamente a terça parte da extensão.

Temos tambem o convencimento de que nem sempre a divizão das latitudes termicas correspondeu ao que vemos hoje; as cinco zonas terrestres—zona torrida, zonas temperadas e zonas frijidas, segundo aceitaveis presunções sofrem continua oscilação e permanente mudança incensiveis, aos nossos orgãos, pela extraordinaria lentidão com que se efectuam.

(Continua)

Polvora Seca

Otajenario e paralitico, tinha o egoismo supremo de se considerar, formalmente, ainda senhor dos destinos. Com numerosa familia passiva e mole arrastava ele pelos seus salões, valetudinario, as esperanças, os desejos e a existencia dos seus.

Segregado do mundo, da vida ativa, pelos anos, pela doença, loucamente pretendia que esse mundo e essa vida caminhassem a par com ele, humildemente seguindo-o, indolentemente extinguindo-se como o extinguir do seu sopro.

Era grande a nau que o levava ao leme—havia grossa tormenta, e era ás suas mãos tremulas, era ao seu cerebro gasto que tudo aquilo homems, honra, fazenda, superiormente se confiava. Outros mais novos, outros mais lestos, outros ainda em contacto com o meio, melhor guiariam a caranguejola, ele sabia-o, toda a jente o sabia, todos os seus o sentiam. Mas por si, apezar de velho inutilizado, a unica cousa a que queria era á sua personalidade, ao culto de si proprio, ao absolutismo perfeito do seu Eu. Tomava os subordinados por creaturas perdidas, por ambiciozos que o derrubariam n'um pronto se caísse, injenuamente, em lhes passar o bastão. Por isso o guardava ciosamente, por isso o defendia com as unicas forças de que dispunha—a intriga e a manha,—e tão habilmente que os anos passavam, baldadamente, pelo sope do pedestal que a fortuna lhe tinha erguido.

Mas tambem a sua *entouraje*, os seus servidores, a sua familia, --que sucia de enucos da vontade!...

Era a abulia no ultimo gráo com o predicado, alarmante, de a sofrerem todos os seus, ainda mesmo os suspeitos, ainda mesmo os chamados invergaveis. Porque nenhum rezistia, porque nem um batia o pé, firme, negativamente. Uma vez ou outra lá se anunciava a revolta, a insubmissão de cicrano, dias depois era o rompimento d'um outro... historias, contos da carochinha, breve esquecidos, desacreditados. Tinha-os a todos debaixo de mão, todos aceitavam a sua rejencia de rabujices, de caprichos, de desconsiderações, era bem como certos deuses do Iran que devoravam os seus famulos...

E, vizivelmente, a sorte que fora a sua cumplice de cincoenta anos de pugna—que ferro—abandonava-o agora! Abandonava-o, e não era só ele que cahia, não era só ele o perdido. Todos os seus, aquela materia prima de indesfiaveis capachos, tombaria na mesma cova—morreriam juntos no mesmo escuar de sangue. Alguns dos seus persentiam-no e enfureciam-se, mas muito tarde. O remedio, agora, era deixal-o guiar a barca—ao abismo.

João Fel.

ARTE & LETRAS

Primeiras Folhas

Vem abril e os arvoredos
reverdecem—que majia!
vivazes, novos e ledos,
cheios de côr, d'alegria;
transformados dia a dia
por inviziveis segredos.

---

(7) **FOLHETIM**

Camilo Castelo Branco

A Brazileira de Prazins

O cabecilha tinha o seu vinho quase dijerido; a bravura começava a ceder ás reflecsões sensatas do taverneiro; mas o seu estado maior, uns facinoras da quadrilha que trez anos antes infestára as encruzilhadas da Terra Negra e Travajem, não transijiam e forçavam-no a beber copos de aguardente. Que o primeiro que mostrasse os calcanhares ia malhar da ponte abaixo, protestavam os velhos salteadores do Minho batendo com as coronhas no balcão. Entretanto, o administrador do concelho com dous empregados inermes atravessava a ponte.

A guerrilha estupefacta da audacia, esperava-o n'uma atitude pacifica, estupida, um retraimento de covardia, olhando se uns para os outros e todos para o alferes.

Ele empurrado pelos valentes colocou-se á frente, na boca da ponte, com a espada nua. O administrador chegou-se muito de passo e perguntou se estava ali o snr. morgado de Barrimao; que desejava falar-lhe.

—Que não estava; eu sou o chefe—disse o Gaspar.

—Logo me pareceu que um homem sério como o morgado, não estaria á frente d'este bom povo enganado—ponderou a autoridade.

—E vocemecê quem é?—perguntou ao chefe.

—Que era o alferes das Lamelas bem conhecido em toda a parte; que perguntasse aos malhados de Santo Tirso, a esses ladrões que o perseguiram e lhe roubaram os seus bens.

O admnistrador, um bacharel de cabeleira á Saint-Simon era discursivo e não perdia lance de eloquencia em casos d'um romanesco medonho. A torrente do rio ruja quebrada pelo triangulo dos pegões. Uma rica e funebre paisajem, cortada de um lado pelos cataventos que ringam nas cristas das torres do mosteiro, e do outro pela mata verde-negra, erriçada de pinheiros jementes. Um pitoresco cheio de sujestões, d'uma palpitação ciclopica. Depois o enorme auditorio, trezentas cabeças, flutuando com as bocas muito escancaradas n'uma bestialidade feramente spasmodica de lobos espantados por um archote acezo. O meio era demosthenico, inspirativo. Borbotou-lhe a golfos um palavriado discreto, aconselhando a turba a retirar-se *aos seus apriscos*, á honrada labutação *dos seus mesteres* e a não perturbarem com *demagojias* a *pacificação dos animos* e a *sacratissima inviolabilidade das instituições*. Quando o funcionario fechou a parlenda, um dos mais bebados, quer por chalaça, quer por insuficiente compreensão dos principios politicos da autoridade, atirou o chapeu para o ar e exclamou: «Viva o snr. D. Miguel I, rei de Portugal!»

A autoridade ia replicar; mas a gritaria abafou-o. Ele voltou as costas á canalha, e foi-se com bons exemplos de oradores antigos.

Os liberaes, logo que o viram retroceder, entraram na ponte de madeira com um sonoro estrondo de marcha cadenciada.

Capitaneava-os um escrivão de direito, dos 7500, cavalleiro da Torre e Espada, o Lobato, que pedira baixa de tenente no fim da campanha. Outro bravo, o ex-sarjento Lopes, que era guarda chefe dos tabacos, tinha pedido vinte homems, e atravessara com eles o Ave, na revolta do rio, sem ser visto, na bateira do José Pinto Soares. Ele não podia levar a bem que aqueles pategos se retirassem sem uma sova pela retaguarda e uma pela frente. Contava com a debandada pela ladeira das matas, e prometia, lá do alto, escorraçal-os de modo que eles se espetassem entre dois fogos. Os seus vinte homems eram soldados com baixa, guardas do tabaco, e socios aposentados das quadrilhas de 1834—um mixto de politicos, de ladrões de martires das enxovias.

Os quatro facinoras da horda do alferes, quando viram a marcha firme e solene dos de Santo Tirso,—é agora rapazes! exclamaram, desfexando as espingardas. Os populares que as tinham, descarregaram as suas, e avançaram, ponte dentro, n'uma arremetida impetuozamente esbandalhada, de rodilhão. Uma das balas prostára um arrieiro da primeira fila dos liberaes; havia mais alguns feridos que se amparavam jementes ás guardas da ponte O bravo do Mindelo viu caír morto o seu homem, e, contendo a furia das fileiras n'uma disciplina rigorosa, deu a voz de descarga á primeira, e mandou abrir passajem á imediata, que sustentava o fogo emquanto a outra carregava as armas. Os pelouros cortavam fundo pelas carnes da populaça. Viam se homems que fujiam a coxear, atiravam-se ás ribanceiras, escabujando em arrancos de morte. Os que não tinham espingardas e ainda os que as tinham sem cartuxame, pegavam dos tamancos e galgavam socalcos, buscando o refujio dos pinhaes e carvalheiras.

O alferes sentiu um choque duro de coisa que lhe contundia as costas e lhe apertava o pescoço. Era o Retrinca de S. Tiago d'Antas, o mais feroz da sua malta, que se amparava n'ele, quando cahia varado por um pelouro.

Este espetaculo trivial não aterrava o soldado de Ponte Ferreira, das Antas e d'Asseiceira; mas dava-lhe as antigas pernas que o serviram n'essas gloriosas batalhas. Tinha cincoenta anos e fujia ganhando a dianteira, aos garotos do seu bando destroçado. Porém, quando ele escalava a ladeira barrenta que se precipita ao sopé do monte, desciam em saltos de bezerros mordidos por vespeiros os seus homems, n'um turbilhão, acossados pelo tiroteio da companhia do exsarjento Lopes—uns barbaçudos que pareciam gigantes no topo da colina, e davam uns berros clangorosos imitantes a mujidos de bois. O dia de juizo!

Enchem-se os ramos de bôlhas
que são outras tantas dores,
e depois—antes das folhas—
primeiro, nascem as flores;
pares que vivem d'amôres
com delicadas escolhas.

No seu verde ainda alvadio
as folhas—que petulancia,
e no sinjelo feitio
que rendilhada elegancia;
e que viço, que fragrancia,
no seu lijeiro cicio.

O sol, a luz, a humidade,
aos pobres troncos hirsutos
dão-lhes a seiva que invade
os lenhos secos, enxutos;
e estrumada, a novidade,
cria ao sol otimos frutos.

Espessa, farta, a pastajem
a jente sente-a crescer;
luz das vacas a pelajem,
já se encontra o malmequer.
Tudo sauda o nascer,
o rebentar da folhajem.

Os cucos, as andorinhas,
as abelhas;—que fadiga
de sons, d'afan, e novinhas
as turjecencias da espiga.
Vidas uteis e as daninhas
como essa ladra—a formiga.

Já enturjecem os seios
nas mondas, com os cantares,
e, ás ondas, os centeios
lembram fantasticos mares;
e já as rolas—aos pares
se casam entre gorjeios...

Nada no ar, amoroso,
o polen das florescencias;
e dilata-se de gôso,
de etereas concupiscencias,
vendo as seivas, as essencias,
o coração venturoso.

Ceu lavado! aspira a jente
um fino sabôr a vida
que se infiltra, levemente,
na alma desprevenida.
E eil-a—, subitamente,
de sonhos, tambem, florida!

Mez d'abril: chuva, calor,
e o santo sol alto, nôvo,
chamando o grilo cantor,
poeta de todo um povo;
mez lindo, que és o renovo
das iluzões e do amôr.

Ai! a mim, ó primavera!
tu fazes-me o sangue quente,
viçoso como uma hera,
impetuoso, fluente;
e dás-me, assim,—a quimera
de uma juventude ardente.

Antonio Valente.

CHRONICA AGRICOLA

XXXVII

As aves e a agricultura

Desperta a natureza do seu longo somno d'inverno, rasgando o manto de luto com que se cobrira e nos entristecera e reveste-se com o garrido e alegre manto da suá verde folhagem.

E' extraordinaria a influencia que as estações e o tempo exercem na alma humana e que a propria sciencia constata.

As estatisticas criminaes mostram até a influencia que ellas exercem sobre o criminoso; no inverno ha mais furtos e roubos, no verão os crimes de sangue, na primavera os d'amôr.

Mas essa influencia nós mesmo a sentimos; quem ainda se não sentiu acabrunhado, triste, vencido, n'um dia melancolico d'inverno?

Quem não sentiu ainda o sangue escaldar-lhe as veias sob o sol forte do verão?

Quem se não sentiu sob o azul limpido d'um dia formoso de primavera, propenso ao amôr?

Tudo então nos sorri, tudo nos faz pensar n'um vulto gracioso de mulher, que nos tenta e fascina, nos arrouba e enleva!

Os pensamentos tristes esvaiem-se sob a influencia d'aquella vida intensa que nos cerca, que para nós se desenvolve e multiplica.

E' bello gosar um lindo panorama sob a sombra amiga e protectora d'uma arvore bem copada.

Mas que encantos se não sente quando alem d'isso se ouve o trinar das aves canoras!

E' n'esta epocha que ellas ostentam todos os primores da sua voz e da sua plumagem. E' para ellas a epocha dos amores; é por isso que cuidam afanosamente de preparar alojamentos para a sua prole que com tanto carinho e desvelo tratam.

Ha um anno já, foi este o assumpto da minha chronica; a elle volto hoje, como sempre n'esta epocha voltarei, lamentando apenas que a minha voz não seja ouvida onde devia ser.

Sempre pugnarei pela repressão d'um estupido e maldito habito, d'um tolo divertimento que têem as creanças da nossa terra, de tirar os ninhos das aves.

Suppondo mesmo que isso nada prejudicava a agricultura, que prazer ou antes que vantagens se aufeririam da destruição dos ninhos?

Nenhumas! Mas alem dos prejuisos que a sua destruição nos causa, a protecção ás aves e aos animaes uteis, e fazer comprehender ás creanças o respeito e amôr de que ellas nos são credoras, seria uma obra altamente educativa e moral.

Pois nada d'isso se faz e o que é mais—apoia-se por uma condescendencia criminosa, a brutalidade das creanças. O lavrador que tudo ignora, que faz gala em não acreditar nas verdades que desinteressadamente se lhe dizem, tambem não quebra a sua indifferença perante a destruição dos ninhos das aves, apesar de ser o mais directamente interessado.

Todavia elle bem sabe, como toda a gente, que a maior parte das aves se alimenta d'insectos e que estes na sua quasi totalidade nos são prejudiciaes; mas ignora o que seja o raciocinio e a razão e suppõe que uma boa colheita depende apenas da vontade da Divina Providencia! Nem mesmo se lembra do dictado *Fia-te na virgem e não corras e verás o tombo que levas.*

Mas não são só os agricultores os prejudicados directamente; são todos os outros porque todos estão sujeitos ás doenças de que os mosquitos e outros insectos são os mais perigosos vehiculos.

Eu não quero já appellar para os sentimentos affectivos de cada um, perante os quaes o acto das creanças é intoleravel; appello para o seu egoismo e talvez não seja menos attendido.

Devemos evitar cuidadosamente a destruição dos ninhos porque as aves destroem milhares d'insectos e larvas que nos devastam as sementeiras, milhares de roedores que nos estragam as colheitas e milhares de mosquitos que nos podem transmittir graves doenças com as suas ferroadas.

Desde a andorinha e o pedreiro que nos encantam com os seus volteios aereos, á coruja, ao mocho e ao morcego que a ignorancia e a estupidez julgam de ruins presagios; todos são nossos dedicados auxiliares.

Mas, perguntarão, como reprimir a creança e os seus habitos já tradicionaes.

Bem facilmente desde que todos tenham um pouco de vontade.

As mães aconselhando entre os seus affagos, brandamente, fallando ao coração das creanças, sempre, fazendo vêr a deshumanidade do seu divertimento.

Os paes reprimindo aquelles dos filhos que por a sua indole ou por a sua educação não attendam os conselhos das mães.

A auctoridade administrativa e a camara municipal *fazendo cumprir a lei.*

E finalmente—e confesso que é ainda de todos os unicos de quem espero alguma coisa—o professor e o parocho.

Já ao primeiro me dirigia na minha chronica ha um anno.

Como então a elle me dirigi pedindo-lhe que por as suas prelecções, por a concessão de premios apenas aos que mais respeitem as creações das aves e por os castigos aos que assim não procedam, collaborem n'esta cruzada a favor de quem tanto nos auxilia e tão pouco nos pede.

E para terminar, não duvido sollicitar tambem, com a esperança de ser attendido, a coadjuvação do reverendo parocho d'esta freguezia que por intermedio dos seus capellães podia fazer recommendar aos paes ignorantes a repressão de seus filhos n'esse divertimento ignobil e prejudicial.

* * *

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passou no dia 11 o seu anniversario natalicio o nosso presado correligionario José Pinto Loureiro, a quem cordealmente felicitamos.

=Partiram domingo para Coimbra os estimados academicos e nossos conterraneos Anthero Cardoso, Antonio Zagallo dos Santos e Antonio Santhiago.

=Partiram para o Pará os nossos amigos Arbino da Silva Tavares e Joaquim de Mattos e Silva, de Vallega, aos quaes appetecemos muitas prosperidades.

=Estiveram em Vallega, a passar as ferias de Paschoa, partindo no ultimo domingo para Braga, onde são alumnos no collegio Espirito Santo, os meninos João e Manoel, filhos do nosso amigo Antonio Godinho d'Almeida, digno vice-presidente da commissão parochial rupublicana d'aquella freguezia.

=Abraçamos n'esta villa, onde veio de visita a sua familia, o nosso apreciado amigo P.e João Gomes Pinto, bemquisto parocho de S. Pedro da Lomba (Amarante) para onde hontem já partiu.

=Regressou com sua esposa de Lisboa, onde foi assistir ao congresso pedagogico, o nosso bom amigo José de Castro Sequeira Vidal, digno sub-inspector d'instrucção primaria.

=Está entre nós o nosso estimado conterraneo Virgilio Duarte Silva.

—

Senhora do Desterro

Com dois explendidos dias cheios de sol effectuou-se domingo e segunda-feira na visinha freguezia d'Arada a conhecida romaria da Senhora do Desterro, á qual affluiram, como nos annos anteriores, milhares de forasteiros.

Praticaram-se alguns furtos no arraial de domingo, sendo capturados tres gatunos e remettidos para a cadeia de Pereira e no de segunda-feira houve uma desordem que teve graves consequencias, da qual resultaram varios ferimentos, felizmente sem gravidade.

A' parte estes incidentes, a romaria correu com muita alegria e o vinho teve um grande consumo.

—

Fallecimento

Aos estragos d'antigos padecimentos, falleceu no dia 16, na sua casa da rua do Loureiro, a snr.ª Maria Gomes Bonifacio, irmã dos nossos presados amigos Manuel e José Gomes da Silva Bonifacio.

O enterro effectuou se no dia immediato ás Ave-Marias, com numerosa assistencia.

A toda a familia da extincta, as nossas condolencias.

—

Porque será?

Ha dias appareceu o snr. presidente da camara na travessa da Fonte, intimando o dono d'um predio em construcção a recuar o alicerce da parede com o pretexto de que esta occupára uns centimetros da rua. Ao contrario, sua ex.ª nunca se dignou chegar até ao Casal afim d'impedir que mais feliz proprietario do que aquelle se apoderasse do coradoiro, que é do municipio, e collocasse um portão de ferro em muros camararios a vedar a entrada para aquelle terreno.

Para aquelle o justo rigor, para este tanta brandura ..

Porque será?

—

Mizericordia d'Ovar

Continuação da subscripção aberta em Lisboa pelos nossos patricios donos de fragatas.

Antonio d'Oliveira da Graça	1$500
João Marques da Silva Chota	1$000
Salvador Santos	10$000
Antonio Pinto Carvalho	30$000
Antonio Pinto Carvalho Junior	20$000
Manoel José Correia Marta	1$000
Antonio Roiz da Silva	5$000
José Fernandes de Castro	1$000
José Antonio Balancuela	20$000
João Maria Rezende	1$000
Manoel André Boturão	5$000
Manoel Roiz Silva Junior	10$000
Manoel Maria Henriques Pereira	1$000
Salvador Roiz de Mattos	1$000
Antonio d'Oliveira Ramos	1$000
Manoel Soares Santa	2$000
José d'Oliveira Rilho	1$000
Manoel Soares Guedes	20$000

Tripulantes das fragatas de Francisco Gomes Leite, a saber:

Antonio Ferreira Arguidor	500
José Barbosa	500
Manoel Leite dos Santos	200
Manoel José R. Sereno	200
Manoel R. Pinto	200
Manoel Martins Torres	200
José R. Sereno	200
Manoel Maria Rafas	300
João Costa Novo	300
José R. Sereno Junior	100
Francisco Luiz de Sá	300
Francisco R. Sereno	200
Augusto Ferraz da Graça	300
José Maria Cunha Branca	500
Francisco da Silva	160
João Maria	160
Francisco Gomes Leite Junior	300
Manoel Maria Pescador	200
José Ferraz da Graça	200
José Maria Formigal	200
José Gomes Leite	200
Florencio	60
José Correia Vidinha	300
Manoel Gomes Leite	300
V.ª de João d'Oliveira & C.ª	5$000

Tripulantes das fragatas de Manoel José de Pinho, a saber:

José d'Oliveira Mendes	500
José de Pinho	500
Francisco Pereira Souza	500
Ernesto F. Viela	500
José Pereira Azevedo Rjôa	500
Affonso H. G. Catramilo	500
Antonio Gomes Bonito	2$000
Francisco d'Oliveira da Graça	1$000
Antonio Fernandes	1$000
Manoel Caroço	500
Dionisio d'Oliveira Praça Mansarrão	500
José Soares Videira	500
Antonio Paes	500
Hypolito Pinto da Cunha Teixeira	5$000
Francisco B. Vasques	500
Antonio Nogueira	500
Antonio da Silva	1$000
Manoel Maria Souza Campos, irmãos e mãe	2$500

Tripulantes das fragatas de Manoel d'Oliveira Gomes Casca, a saber:

Francisco da Cunha Batatel	500
Francisco Roiz Abbade	500
Antonio Pereira Sona	200
Francisco d'Oliveira Marques	200
Romão da Silva	200
Dionisio Soares Arpa	500
Antonio Maria d'Oliveira Marques	200
João dos Santos Gesta	200
Joaquim Gomes	500
Emilio Aperta	500
Manoel Maria Carvalho	500
Filippe Madeira	500
Manoel Correia Machado	500
Francisco d'Oliveira Pinto	500
José Roiz da Silva	500
Manoel Abrantes	500
João Maria d'Oliveira Possante	300
Bernardo d'Oliveira Muge	300
Francisco Pereira Sona	500
José Rezende Batata	200
José Roiz Moreira	500

DIVERSOS

Francisco Nunes Leite Brandão	2$000
Dr. José Duarte dos Santos	15$000
Anonyma	500
Francisco Lopes Pinto	2$500
Padre Antonio Pinto Vallas	2$000

ANNUNCIOS

CASA

Vende-se uma alta na rua das Ribas com armazem para despejos, quintal e poço.

N'esta redacção se diz.

Agradecimento

A familia da fallecida Maria Gomes Bonifacio agradece, reconhecida, a todas as pessoas que lhe manifestaram as suas condolencias por motivo do fallecimento da mesma.

A's pessoas que lhe prestaram serviços, bem como ás que se offereceram para o mesmo fim, alem do seu inolvidavel reconhecimento, offerecem o seu limitado prestimo.

Ovar, 22—4—909

Carrelhas & Filho, Suc.or

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANOARIA

Commissões

End. Teleg.—CARRELH

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

30$000 REIS MENSAES

—

Qualquer póde ganhal-o, exercendo uma industria que não depende de capital, que é d'absoluta novidade, e d'uma facilidade extrema. Póde-se exercer sem prejuizo de qualquer outra occupação.

Industria facil e lucrativa para os pobres, economia e recreio para os ricos.

Escrever, enviando 300 réis para o segredo, a Aurelio Augusto Corrêa, **MONSÃO.** A todo o comprador, é offerecido gratis, um lindo postal.

Henrique Narciso de Andrade

CALLISTA PEDICURO

Extrae toda a classe de callos e desencrava unhas com a maior perfeição. Extrae os callos pelo novo systema, sem fazer sangue nem causar o mais pequeno incommodo. Garante os seus trabalhos por mais difficeis que sejam, pois no espaço de 5 minutos faz calçar a bota e andar a pessoa com toda a commodidade. Todos estes trabalhos delicados podem-se provar com o testemunho de varias e distinctas pessoas que tenho operado, tanto em Portugal como em Hespanha. Vae ao domicilio.

RUA FARIA GUIMARÃES, 394—**Porto**

Imprensa Civilisação

Viuva Lemos & Gonçalves

R. Passos Manoel, 211 a 219

PORTO

Trabalhos typographicos em todos os generos por preços modicos.

INDICAÇOES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

—

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5$285 a 5$315 réis.

Valor da libra, papel, de 5$265 a 5$295 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—^{d}/ Londres, valor da libra, 15$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 45 5/16—5$295 réis.

Cada 100$000 réis brazileiros, a esta taxa, produzem 33$890 réis, moeda portugueza.

—

Preços dos Generos

No nosso mercado

—

SETUBAL

Arroz:	1.ª qualidade,	15 kilos.	1$400 réis
»	2.ª »	15 »	1$350 »

BAIRRADA

»	1.ª qual.,	15 kilos.	1$300 »
»	2.ª » ,	15 »	1$250 »
»	3.ª » ,	15 »	1$200 »
Batatas, 15 kilos			400 »
Centeio, 20 litros			740 »
Fava, 20 litros			750 »
Farinha de milho, 20 litros .			840 »
» trigo, 1.ª qual. kilo.			103 »
» » 2.ª » » .			93 »
» cabecinha . » .			62 »
» semea superfina. » »			40 »
» » grossa .			38 »
Feijão vermelho, 20 litros .			1$280 »
» branco, 20 » .			1$220 »
» mistura, 20 » .			960 »
Milho branco, 20 » .			860 »
» amarello, 20 » .			760 »
Ovos, duzia			140 »
Tremoço, 20 litros. . . .			380 »
Azeite, 1.ª qual. litro. . .			300 »
» 2.ª » » . .			270 »
» 3.ª » » . .			260 »
Alcool puro, 26 litros. . .			6$500 »
Aguardente de vinho, 26 litros.			3$380 »
» bagaceira, 26 litros.			2$730 »
» figo, 26 litros . .			1$950 »
Geropiga fina, 26 litros . .			2$080 »
» baixa, 26 » . .			1$430 »
Vinho tinto, 26 litros. . .			750 »
» branco, 26 » . . .			900 »
» verde, 26 » . . .			900 »
Vinagre tinto, 26 » . . .			700 »
» branco, 26 » . . .			900 »

—

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	26:297$300 réis
Companha do Soccorro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	16:662$055 »
Companha S. José — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 .	14:487$675 »
Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	12:272$325 »
Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 .	7:388$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de . . . . . .

—

Matadouro

No mez de . . . . . .

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o pezo de .... kilos

.... Vitelas, » » » » .... »

.... Porcos, » » » » .... »

—

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o **Norte** pelo comboio das 6,23 da manha e 6,23 da tarde e para o **Sul** pelo das 7,52 da manha e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. .	25 réis.
idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha.	25 réis.
Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. .	2 1/2 réis.
Impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção	5 réis.
Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr.	25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção	5 »
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção	5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr.	50 réis
» cada 20 gr. ou fracção .	30 »
Bilhetes postaes: cada . . .	20 »
Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção	10 réis
Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção	5 réis
Avisos de recepção—Cada um.	50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20$000 réis ou fracção.

Encommendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5$000 réis ou fracção. Limite 500$000 réis, 200$000 réis, 100$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sédes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emittidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

—

Lei do Sello

—

RECIBOS PARTICULARES

De	1$000 réis até	10$000 réis.	10
»	10$001 » »	50$000 » .	20
»	50$001 » »	100$000 » .	30
»	100$001 » »	250$000 » .	50
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.			50
Valor não conhecido ou declarado.			500
Cheques ao portador			20

LETRAS DE CAMBIO

—

Sendo á vista e até 8 dias

De	1$000 réis até	20$000 réis.	20
»	20$001 » »	50$000 » .	50
»	50$001 » »	250$000 » .	100
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.			100

A mais de 8 dias de praso

De	1$000 réis até	20$000 réis.	20
»	20$001 » »	40$000 » .	40
»	40$001 » »	60$000 » .	60
»	60$001 » »	80$000 » .	80
»	80$001 » »	100$000 » .	100
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.			100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De	1$000 réis até	20$000 réis.	20
»	20$001 » »	100$000 » .	100
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.			100

—

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

—

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna.....	4	Badaladas
Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores....	5	»
Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta ...	6	»
Bairro d'Arruella até á Poça.....	7	»
Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo...	8	
Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral.....	9	»
Estação e Pellames.....	10	»
João—Cima de Villa e logares visinhos.....	11	Badaladas
Ribeira.....	12	»
Assões—Granja e Guilhovae.....	13	»
Furadouro.....	14	»

Para cessar — 3 badaladas.

—

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

—

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

—

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

—

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

—

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnisadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

—

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

—

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira. Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

—

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

—

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, **Moagem de Cereaes**—Soares Pinto & C.ª, **Limitada Ceramica**—Peixoto, Ribeiro & C.ª

—

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

—

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—**Rua de St.ª Anna**, «Central»—**Rua da Praça**, «Cerveira»—**Furadouro**, «Jeronymo»—**Largo do Chafariz**, «Nunes Lopes»—**Rua dos Campos.**

—

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, **João Costa** — Praça, **José Garrido**—Rua dos Campos.

—

Mercearias

Abilio José da Silva—**Ponte Nova**, Francisco de Mattos—**Praça**, José Gomes Ramillo — **Rua do Bajunco**, José Luiz da Silva Cerveira — **Praça**, José Maria de Pinho Valente—**Rua da Graça**, Manoel Valente d'Almeida—**Praça**, Pinho & Irmão—**Praça**, Viuva de José de Mattos—**Poça**. Viuva Salvador—**Largo do Chafariz**, Tarujo & Laranjeira—**Rua da Graça.**

—

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

—

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

—

Tanoaria

Carrelhas—**Rua das Figueiras.**

—

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	2,45	3,33	5	5,40	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		3,40	4,31	5,39	6,41	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		—	4,46	—	6,58	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		—	4,52	—	7	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		—	4,59	—	7,11	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	5,34	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	6,9	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	6,14	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	5,35	6,23	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	5,46	—	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	5,51	—	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	5,57	6,38	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	6,14	6,51	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	7,15	8,1	11,16	12,26